

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agrobioenergia
Período de Análise: 01/12/2012 a 31/12/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	3
Etanol	3
Logum, do etanolduto, muda comando. Fernando Scheller – O Estado de S. Paulo. 05/12/2012.....	3
Avança plano do CTC para etanol celulósico – Valor Econômico. 06/12/2012.....	4
Fundo adquire fatia em 4ª usina e conclui fase de investimentos. Fabiana Batista – Valor Econômico. 07/12/2012	5
Moagem de cana da BP cresce 23% - Valor Econômico. 10/12/2012.....	6
Mais uma usina da ETH recebe "selo" Bonsucro. Bettina Barros – Valor Econômico. 11/12/2012.....	7
Pioram as perspectivas para as usinas de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 13/12/2012.....	8
São Martinho compra canavial da Dreyfus. Fabiana Batista – Valor Econômico. 17/12/2012.....	10
Endividamento das usinas volta a subir na safra atual. Fabiana Batista – Valor Econômico. 21/12/2012	11
POLÍTICA NACIONAL.....	13
Etanol	13
Etanol deverá dobrar movimento na hidrovía Tietê-Paraná até 2016 - O Estado de S.Paulo. 06/12/2012.....	13
Conab e Mapa divulgam 3º levantamento de cana 2012/13 – Site da CONAB. 11/12/2012.....	14
Produção de cana pode chegar a 600 milhões de t – Site da CONAB. 12/12/2012	14
Produção de cana tem crescimento de 8,2% na região Centro-Sul – Site do MAPA. 12/12/2012.....	15
Recuperação da produtividade da cana-de-açúcar é meta para 2013 – Site do MAPA. 21/12/2012.....	16
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	17
Etanol	17
Usinas dos EUA questionam etanol de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/12/2012.....	17
Aumenta a sede americana por etanol. Alejandra Wexler The Wall Street Journal, Valor Econômico. 19/12/2012	18

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

Etanol

Logum, do etanolduto, muda comando. Fernando Scheller – O Estado de S. Paulo. 05/12/2012

Alberto Guimarães, executivo de carreira da Petrobrás, foi substituído por Roberto Gonçalves

O comando da Logum, empresa de logística responsável pela construção do etanolduto de 1,3 mil quilômetros de extensão entre Goiás e São Paulo, ao custo de R\$ 7 bilhões, foi modificado. Funcionário de carreira da Petrobrás e executivo de prestígio dentro da empresa, Alberto Guimarães - que havia presidido uma joint venture já desfeita da petrolífera com a Mitsui e a Camargo Corrêa - foi demitido discretamente e substituído por outro nome da companhia, Roberto Gonçalves.

A mudança ocorreu no início de novembro, por determinação da Petrobrás, segundo apurou o Estado. A empresa é uma das sócias da Logum, com 20% de participação, ao lado de outras gigantes do setor de açúcar e álcool, como Copersucar, Raízen e Odebrecht/ETH (todas também com 20%), além de Camargo Corrêa e Uniduto Logística (ambas com 10%). Procuradas para comentar o assunto, as assessorias de imprensa da Petrobrás e da Logum não quiseram falar sobre o caso. Guimarães também não respondeu às perguntas enviadas pela reportagem.

No fim de outubro, cerca de dez dias antes de ser retirado do cargo, Guimarães havia concedido entrevista à Agência Estado confirmando a informação de que a Petrobrás não faria, em 2013, o aporte financeiro correspondente à sua fatia na construção do etanolduto. A decisão estaria relacionada às dificuldades da Petrobrás em cumprir um pesado cronograma de investimentos, que inclui as obrigações da exploração do petróleo na camada pré-sal.

"De fato, a Petrobrás está priorizando a carteira de investimentos e tem suas razões para alocar os recursos aos mais chegados do "core business" (negócio principal) da companhia", disse Guimarães no fim de outubro. "É um pedido de que, por um ano, pudesse desacompanhar os investimentos dos demais." O executivo admitia ainda que os demais sócios buscavam alternativas para compensar a diluição do aporte da Petrobrás.

Incerteza. Depois desse episódio - e da demissão de seu diretor-presidente -, a situação na Logum ficou complicada do ponto de vista de comunicação: nenhum dos sócios quer falar em nome da empresa e a ordem na matriz é simplesmente barrar qualquer pedido de informação. Quando informações são solicitadas às parceiras do empreendimento, as companhias fazem questão de dizer que falam por si mesmas, e não pelo negócio como um todo.

Segundo uma fonte, que pediu anonimato, a incerteza sobre o aporte da Petrobrás, que representa 20% do investimento total, fez com que as próximas fases do investimento fossem postas em dúvida (ninguém quer se mexer enquanto a petrolífera não tomar uma decisão). Até agora, só está garantida a entrega da primeira fase do projeto, que vai de Ribeirão Preto à Refinaria de Paulínia (Replan).

Esta primeira fase deverá ser concluída em fevereiro do ano que vem, ao custo de R\$ 830 milhões - pouco mais de 10% do valor total a ser aplicado para que a obra seja efetivamente completada. Até o momento, de acordo com informações de empresas ligadas à Logum, cerca de 70% da obra do etanolduto entre Ribeirão Preto e Paulínia já foram completados.

Um fator que poderá levar o restante do projeto adiante é o fato de o investimento direto dos sócios no etanolduto ser relativamente baixo. A estimativa é que 80% do valor do projeto seja arrecadado com financiamentos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Antes de sair do cargo, Alberto Guimarães havia afirmado que o aporte previsto para os sócios para o projeto seria "baixíssimo" em 2013.

Avança plano do CTC para etanol celulósico – Valor Econômico. 06/12/2012

O Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) deverá instalar sua primeira unidade de produção de etanol celulósico em escala de demonstração na usina São Manoel, localizada em município paulista de mesmo nome. Associada da Copersucar, a usina tem capacidade para processar 3,4 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra.

Segundo o CEO do CTC, Gustavo Leite, as negociações estão avançadas e a previsão é que a planta deverá ser instalada em 2013. Na unidade, serão investidos cerca de R\$ 80 milhões nos próximos três anos, entre custos de implantação e gastos com insumos, conforme o executivo.

A planta de etanol de 2ª geração será acoplada à planta de etanol de 1ª geração já existente na São Manoel e terá capacidade instalada para produzir 3 milhões de litros do biocombustível por ano. A meta é que a unidade permaneça em fase de demonstração durante 12 a 18 meses. "Vamos trabalhar para atingir os resultados esperados no 'piso' desse intervalo", afirma Leite. A intenção é que a produção em escala comercial comece na safra 2015/16.

Os recursos que serão investidos no projeto fazem parte das captações em curso pelo CTC. A empresa está em fase de contratação de R\$ 300 milhões, sendo que 70% desse recurso virá de linhas de crédito voltadas à pesquisa na área agrícola da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Os outros 30% virão do Plano de Apoio à Inovação dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico (PAISS), desenvolvido pela Finep e pelo BNDES.

"Nosso plano é levantar cerca de R\$ 800 milhões para serem usados nos próximos três a quatro anos em pesquisas, já considerando os recursos do BNDES e da Finep. Parte desse recurso virá da venda da tecnologia do centro e dos aportes já feitos por acionistas. Estamos também buscando outras fontes", diz Leite.

Em evento ontem em São Paulo, o executivo anunciou o lançamento de três variedades de cana-de-açúcar adaptadas ao solo e ao clima do Cerrado, região considerada nova fronteira agrícola da cana e que até então tinha disponíveis apenas variedades específicas para as condições climáticas e de solo da região Sudeste. Na média, as variedades lançadas, segundo Leite, prometem produtividade 18% a 30% acima das atualmente usadas no Cerrado.

O CTC também anunciou um novo programa de melhoramento genético da cana que deve significar a redução do tempo de desenvolvimento das variedades, de acordo com o executivo. "A partir de agora esse processo vai durar oito anos, quase a metade do tempo de desenvolvimento que vigorava anteriormente", afirma o executivo.

Fundo adquire fatia em 4ª usina e conclui fase de investimentos. Fabiana Batista – Valor Econômico. 07/12/2012

Criado em 2008 para investir em projetos de etanol, o fundo de private equity FIP Terra Viva, administrado pela DGF Investimentos, concluiu nesta semana sua etapa de investimentos, que durou quatro anos. Comprou, por R\$ 70 milhões, uma participação minoritária na usina mineira Alvorada, com capacidade para moer 1,77 milhão de toneladas de cana-de-açúcar por safra.

A unidade, com sede em Araporã, na divisa com Goiás, receberá investimentos de outros R\$ 160 milhões da CPFL Energia para instalar uma unidade de cogeração de energia com biomassa de 50 megawatts (MW) de capacidade. Com os dois aportes, que somam R\$ 230 milhões, a Alvorada, que teve assessoria financeira da consultoria FG Agro, também será ampliada para processar 2 milhões de toneladas de cana.

O fundo não divulga a exata participação acionária que detém nas usinas. Mas a estratégia é a de que não seja menor do que 30% e nem superior a 45%. Duas delas estão localizadas em São Paulo - Bocaina e Brotas -, outra em Mato Grosso do Sul (Maracaju) e a recém-adquirida, em Minas Gerais (Araporã), no Triângulo Mineiro.

Com essa aquisição, o FIP Terra Viva finaliza sua fase de investimentos, que totalizaram R\$ 260 milhões em participações minoritárias em quatro usinas, que juntas têm condições de moer 10 milhões de toneladas. A expansão de uma delas está em curso para elevar esse processamento conjunto para 11,5 milhões de toneladas.

Passados os quatro anos, o fundo construiu uma carteira de ativos muito mais açucareira do que alcooleira, tendência que se consolidou nos últimos anos no Brasil após o mergulho do mercado de biocombustíveis em preços baixos e incertezas. Na média, as quatro usinas nas quais a DGF tem participação destinam 55% do caldo da cana para produção de açúcar e, o restante, para etanol.

Agora, o FIP entra na fase de saída do negócio e entrega de resultado aos oito cotistas, a maior parte fundos de previdência, como a Petros, Banesprev (Santander) e Previ. Essa fase pode durar o tempo regulamentar acordado pelo fundo com cotistas, de até quatro anos, ou ser estendido por mais dois.

O plano inicial era colocar as usinas debaixo de uma Sociedade Anônima (S.A.) e levar a companhia resultante à abertura de capital em bolsa. Neste momento, o fundo considera quatro alternativas para vender sua participação no pool de usinas, explica Sidney Chameh, sócio-fundador da DGF Investimentos. A primeira é a fusão com outro grupo para aumentar a envergadura da S.A. para, aí sim, abrir o capital. Outra alternativa é acessar a bolsa no Bovespa Mais, segmento de listagem para companhias de menor porte. A terceira opção estudada é a venda das usinas em bloco, caso juntas agreguem valor, e a quarta, negociá-las separadamente.

"Dependendo da alternativa escolhida, poderemos ter um resultado maior ao cotista", diz Chameh. Em seu lançamento, há quatro anos, o fundo previa um retorno de cerca de 18% ao ano. Passada a catástrofe climática que afetou os canaviais, a meta tornou-se incerta. "Já vivemos fases piores nas quais tínhamos por essa rentabilidade. Agora, ao concluir o investimento e olhar a qualidade da carteira, estamos mais confiantes", afirma Chameh.

Ele se refere à maré baixa pela qual vem atravessando o setor sucroalcooleiro nos últimos quatro anos. Além da conjuntura mundial, essa indústria passou por sucessivos problemas climáticos que derrubaram a produtividade dos canaviais. Por conta desses fatores e da própria dificuldade financeira que já traziam antes da crise, as usinas sócias do FIP não registram lucro há algumas safras e não devem fechar no azul também nesta temporada, que se encerra em março de 2013. "Até agora, a fase foi de ajustes. Com a dívida alongada, gestão financeira e de riscos, elas tendem a resultados positivos em 2013/14", diz Casagrande.

Ele menciona que o resultado operacional das empresas, cuja demanda por matéria-prima é atendida em mais de 60% por canaviais próprios - é positivo e com expressivo potencial de crescimento. "Na média, as quatro usinas têm resultado operacional de 30% do faturamento líquido. A meta é atingir 35%", afirma Casagrande.

Moagem de cana da BP cresce 23% - Valor Econômico. 10/12/2012

Única usina de cana-de-açúcar da BP Biocombustíveis sem ociosidade industrial, a Tropical, de Edéia (GO), será a primeira entre as três do grupo a se expandir. A empresa, braço sucroalcooleiro da petroleira britânica, vai investir R\$ 716 milhões para dobrar a capacidade de moagem de cana da unidade goiana para 5 milhões de toneladas. O investimento industrial só pode ser feito porque a empresa está conseguindo recuperar canaviais. Investiu nas suas três usinas, sobretudo na parte agrícola, mais de R\$ 400 milhões desde 2011 e espera no que vem ampliar a oferta de cana em 23%.

Nesta temporada em curso, a 2012/13, a empresa deve processar nas três usinas 5,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. O volume ainda está abaixo da capacidade instalada nessas unidades, que é de 7,5 milhões de toneladas.

Mas no próximo ciclo, o 2013/14, a ociosidade vai diminuir substancialmente, acredita o presidente da BP Biocombustíveis no Brasil, Mario Lindenhayn. Com os investimentos que vêm sendo feitos em canaviais, a empresa pretende que suas unidades tenham para processar no ano que vem uma oferta de cana entre 6,5 milhões e 7 milhões de toneladas.

A ampliação da unidade de Edéia vai começar em 2013. Após sua conclusão, a BP alcançará capacidade industrial para moer 10 milhões de toneladas de cana no Brasil. A única da BP Biocombustíveis a não ter cogeração de energia a partir do bagaço de cana, a Tropical terá em dois anos condições de cogerar 340 Gigawatt/hora (GWh) de energia elétrica, segundo Lindenhayn.

As outras duas unidades, localizadas em Itumbiara (GO) e Ituiutaba (MG), ainda estão com deficiência de cana-de-açúcar. "Mas continuaremos investindo em canaviais até que elas operem com capacidade total para, depois, serem ampliadas".

Todas as unidades estão recebendo investimentos para expandir também a flexibilidade industrial. Atualmente, as unidades conseguem destinar até 60% do caldo da cana-de-açúcar para fabricar um dos produtos (açúcar ou etanol). Com as adaptações industriais em curso, as unidades terão condições de destinar até 65% da matéria-prima para um dos dois produtos. "Estamos ainda implantando a fabricação de açúcar cristal e de etanol anidro", diz o executivo.

Desde que entrou na produção de etanol no Brasil, em 2008, a BP investiu mais de US\$ 1 bilhão, segundo Lindenhayn. A primeira aquisição foi da participação de 50% na usina Tropical, juntamente com a antiga Santelisa Vale e com o grupo Maeda. Em 2011 comprou a totalidade das ações da Tropical e também adquiriu as duas usinas da Companhia Nacional de Açúcar e Álcool (CNAA). Na época, anunciou que quer, em cinco anos, sair da capacidade atual para processar 7,5 milhões de toneladas de cana-para 30 milhões de toneladas.

Mais uma usina da ETH recebe "selo" Bonsucro. Bettina Barros – Valor Econômico. 11/12/2012

A ETH, empresa do grupo Odebrecht que atua na produção de açúcar e etanol, acaba de receber a certificação internacional Bonsucro, voltada para o segmento, de sua terceira usina no país. Localizada em Caçu, em Goiás, a unidade receberá o selo de boas práticas sustentáveis para 737 mil toneladas de cana.

Com isso, a empresa alcançará a marca de 1,5 milhão de toneladas de cana certificada pela Bonsucro. As outras duas unidades já contempladas pelo selo são Conquista do Pontal, localizada em Mirante do Paranapanema, e Alcídia, de Teodoro Sampaio, ambas em São Paulo.

Criada como uma exigência de importação de açúcar e álcool da União Europeia, que precisa elevar o consumo de biocombustíveis até 2020, reduzindo a emissão dos gases-estufa e o impacto nas mudanças do clima. A Bonsucro exige o cumprimento de uma gama de critérios, divididos entre essenciais (basicamente o cumprimento da legislação nacional) e não essenciais. São 48 indicadores e cinco princípios, que visam reduzir impactos ambientais e sociais, que vão desde a manutenção da biodiversidade e até o melhoramento dos processos produtivos.

Desde que essas exigências entraram em vigor, em 2011, já foram certificadas unidades da Raízen (joint venture formada pela Cosan e Shell) e da Copersucar (a maior

comercializadora de açúcar e álcool do país), totalizado pouco mais de 10 milhões de toneladas de cana.

Segundo a ETH, a meta é obter a certificação das nove usinas do grupo até o fim de 2013, o que deverá demandar investimentos de R\$ 1 milhão. "É um valor relativamente baixo já que nossas unidades foram concebidas para atender todas as normas regulamentadoras. Não precisamos fazer praticamente adaptações para atender as exigências do Bonsucro", afirmou ao **Valor** Luis Felli, vice-presidente de Operações Agroindustriais da ETH.

Segundo o executivo, a certificação Bonsucro, além de estar alinhada com a estratégia de sustentabilidade da companhia, eleva o preço da cana vendida no Brasil. "Recebemos de R\$ 50 a R\$ 60 por metro cúbico de cana de prêmio". Além disso, a empresa busca outras certificações para mercados internacionais. "Sete Unidades da ETH já concluíram a certificação RFS2 (Renewable Fuel Standard), para o mercado americano, que atesta as práticas sustentáveis com base em padrões estabelecidos mundialmente e autoriza a comercialização do etanol de todas as unidades da empresa aos EUA". A ETH faturou R\$ 2,5 bilhões no ano-safra 2011/12.

Pioram as perspectivas para as usinas de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 13/12/2012

O inferno astral do setor sucroalcooleiro promete ser mais intenso do que previam os mais pessimistas. A notícia de um adicional de, no mínimo, 1 milhão de toneladas de açúcar nesta safra no Centro-Sul parece ter ancorado o preço da commodity abaixo de 19 centavos de dólar por libra-peso em Nova York. O mau humor respingou também nas ações das companhias sucroalcooleiras listadas em bolsa, que recuaram. Os próximos trimestres tendem a ser difíceis para as mais de 300 empresas do setor. Muito pouco do açúcar que será exportado no ano que vem teve hedge de preços em níveis mais altos do que os atuais.

A condição pouco afeta a safra 2012/13, em fase de conclusão, cuja exportação está quase toda vendida a preços médios de 23 centavos de dólar por libra-peso. A questão é que apenas de 20% a 30% do açúcar que será embarcado no ano que vem teve preços hedgiados em bolsa. Ou seja, ainda há, pelo menos, 70% das exportações para serem vendidas, em um mercado com forte viés baixista.

Safra 2012/13

Projeções para cana, açúcar e etanol no Centro-Sul do país



A commodity voltou ontem a bater níveis inferiores a 19 centavos de dólar por libra-peso em Nova York. O contrato março (o de maior liquidez no momento) fechou em baixa de 1,80%, a 18,54 centavos de dólar por libra-peso, o menor valor em 28 meses.

"A percepção que se tinha é de que essa produção maior de açúcar na região já estava contida nos preços em Nova York. Mas os últimos pregões mostraram que não estava", diz a gerente de pesquisa da trading inglesa Czarnikow, Ana Carolina Ferraz.

A questão que preocupa, explica a especialista, é que esse volume adicional do Centro-Sul vai se juntar em janeiro aos 1,8 milhão de toneladas que a Tailândia deve ofertar para exportação. "Esses fatores seguirão pressionando", diz.

A má notícia, diz o diretor da Czarnikow Brasil, Tiago Medeiros, está no fato de a tendência ser de as cotações do açúcar convergirem para a paridade com os preços do hidratado - que na terça-feira equivaliam a 17,60 centavos de dólar por libra-peso.

De olho nesse cenário pessimista, os investidores penalizaram os papéis das sucroalcooleiras na BM&FBovespa. Ontem, as ações da São Martinho, única empresa de capital aberto estritamente sucroalcooleira, recuaram 1,5% na bolsa de São Paulo. A Tereos Internacional, controladora da produtora de açúcar e etanol Guarani, caiu menos (0,70%), com suporte de sua operação diversificada, de processamento de milho e produção de amidos. A Cosan, mais posicionada em infraestrutura e energia do que em cana-de-açúcar, foi a única entre as três a subir (0,50%). O Ibovespa teve ontem queda de 0,25%.

Relatório do Barclays divulgado ontem menciona que as ações da São Martinho estão precificadas para um açúcar a 15 centavos de dólar por libra-peso em 2013/14, bem abaixo dos preços atuais e da própria estimativa do banco, que era de 17,9 centavos de dólar por libra-peso. O relatório acrescentou como viés positivo que a São Martinho fez hedge de uma parte importante de sua produção esperada de 2012/13 para 2013/14 a valores além das expectativas.

Mas neste momento a pergunta que vale ouro é: o que vai acontecer com o etanol?, indaga o diretor de Açúcar da trading inglesa Armajaro, Eduardo Rocha. "Há excesso de açúcar no mercado e, a partir de abril uma nova grande safra de cana no Brasil virá. Se nada acontecer com a demanda por etanol, o cenário de superávit se acentuará", diz Rocha. A previsão da trading para a safra no Centro-Sul é de moagem de 534 milhões de toneladas de cana e produção de 34,3 milhões de toneladas de açúcar, número que, se confirmado, será 1,6 milhão de toneladas acima da previsão da Unica de 32,7 milhões de toneladas. Até a semana passada portanto, antes do relatório da Unica, a Armajaro apostava em um superávit mundial de 7 milhões de toneladas da commodity.

O alvoroço do mercado desta semana foi provocado pelo relatório de segunda-feira da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). Nele, a entidade informa que, até 1º de dezembro, a moagem no Centro-Sul havia sido de 510 milhões de toneladas. Como o clima segue favorável à colheita da cana, o mercado passou a trabalhar com perspectiva de produção de açúcar de 34 milhões de toneladas, ante as 32,7 milhões previstas para toda a safra pela Unica. Ontem, a Companhia Nacional de Abastecimento elevou de 530 milhões para 535 milhões de toneladas a moagem para a região. Reduziu, no entanto, em 500 mil toneladas a produção de açúcar para o Nordeste.

São Martinho compra canavial da Dreyfus. Fabiana Batista – Valor Econômico. 17/12/2012

Após negociações que duraram três meses, o grupo sucroalcooleiro São Martinho acertou a compra, por R\$ 199,6 milhões, dos ativos agrícolas da Usina São Carlos, localizada em Jaboticabal (SP) e controlada pela Biosev, braço sucroalcooleiro da francesa Louis Dreyfus Commodities. Esses ativos foram repassados a uma nova empresa, batizada de Newco, e somam uma oferta de 1,85 milhão de toneladas de cana-de-açúcar.

Essa matéria-prima passará a ser processada na Usina São Martinho, localizada em Pradópolis (SP) e distante, em média, 30 quilômetros desses canaviais. É a maior unidade sucroalcooleira do grupo - e do mundo -, com capacidade para processar até 8,8 milhões de toneladas de cana por safra, mas que vem trabalhando, em média, com 7 milhões de toneladas por escassez de matéria-prima, conforme explica o presidente do grupo São Martinho, Fábio Venturelli. "Alcançar a moagem de 8,8 milhões de toneladas nessa unidade significará geração de caixa na veia para o grupo".

O pagamento pelos ativos será realizado à vista, com recursos do caixa, afirma o executivo. Ao fim de setembro passado, a empresa informava caixa de R\$ 711,3 milhões. "Vínhamos reforçando nossas reservas de olho nesse tipo de oportunidade", diz. Além dos ativos agrícolas, a transação também envolve um armazém de açúcar com capacidade estática para 40 mil toneladas.

Essa é a terceira "operação estratégica" feita pela São Martinho desde 2010. Naquele ano, a empresa fez uma aliança com a Petrobras Biocombustível para criar uma nova companhia (Nova Fronteira Bioenergia) para investir em etanol no Centro-Oeste. Na época, a companhia repassou uma grande parte de seu endividamento para a joint venture com a PBio e recuperou sua capacidade de investir.

Assim, em novembro de 2011 comprou uma participação minoritária (32,18%) na usina Santa Cruz, considerada uma das joias operacionais do mercado sucroalcooleiro. Desde então negocia a compra do controle do ativo com o acionista majoritário, o Luiz Ometto Participações, que detém 55,31% da unidade.

Venturelli menciona que a transação com o canavial da usina São Carlos sairá por um múltiplo equivalente a US\$ 50 por tonelada de cana. A aquisição das ações da Santa Cruz, há um ano, completa o executivo, custou o equivalente a US\$ 80 por tonelada, quando a cotação do dólar estava na casa dos R\$ 1,70. "Tudo isso em um mercado que há pouco tempo pagava mais de US\$ 120 por tonelada".

Metade do canavial adquirido pela São Martinho é oriundo de contratos de fornecimento de cana, com tempos de vigência diversos, de dois a seis anos. Os outros 50% serão de cana própria.

A São Martinho também acordou com a Biosev que, apenas na safra 2013/14, vai fornecer 1 milhão de toneladas da Newco para ser processada em outras unidades da multinacional francesa. Somente a partir de 2014/15 é que a totalidade de 1,85 milhão de toneladas da Newco será toda direcionada para a unidade de Pradópolis. "A usina

São Martinho terá em 2013/14 muita cana em pé herdada da atual safra para moer. Portanto, não precisaremos de muito mais matéria-prima no ano que vem", explica.

A conclusão do negócio ainda depende de auditoria confirmatória, que será feita pela São Martinho e também de aprovação do negócio pelos acionistas preferencialistas da Biosev S.A.

A operação industrial da usina São Carlos será descontinuada pela Biosev, conforme comunicado enviado ao mercado. O CEO da Biosev, Christophe Akli, explicou que, depois da fusão com a Santa Elisa Vale, em 2009, havia sobreposição das áreas de cana de açúcar entre as usinas Santa Elisa e São Carlos. "O recurso resultante da venda será usado para acelerar o processo de preenchimento da capacidade total de moagem em outras grandes usinas da Biosev no interior paulista", afirmou Akli.

Endividamento das usinas volta a subir na safra atual. Fabiana Batista – Valor Econômico. 21/12/2012

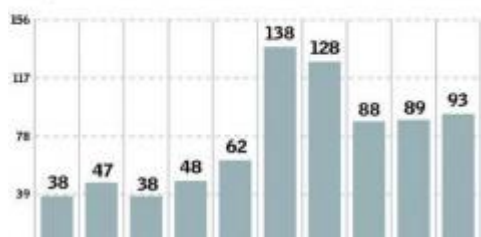
A indústria de cana-de-açúcar do Centro-Sul do Brasil deve encerrar o ciclo 2012/13 com dívidas entre R\$ 54 bilhões e R\$ 56 bilhões, conforme levantamento feito pelo Itau BBA. O montante é pelo menos 4% superior ao endividamento registrado ao fim do ciclo passado, entre R\$ 50 bilhões a R\$ 52 bilhões. O crescimento pode ser explicado pelos altos investimentos feitos em renovação de canaviais, estimados em R\$ 6,6 bilhões. Além disso, os preços mais baixos do açúcar e do etanol trouxeram uma menor geração de caixa às usinas.

Outros fatores ajudam a explicar o quadro de maior endividamento, afirma o diretor comercial do banco de investimento, Alexandre Figliolino. Entre eles, a desvalorização cambial que afetou a dívida em dólar que caracteriza uma parte do passivo dessas empresas. Ele disse que é preciso considerar ainda que houve nos últimos meses do ano uma certa antecipação de investimentos, atraídos com os programas de financiamento de máquinas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que ofereceu taxas de juros de 2,5% ao ano.

O fato é que o endividamento está muito próximo de superar o faturamento das empresas. Conforme levantamento da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) feito com base nos balanços financeiros publicados por usinas que representam 45% da moagem do Centro-Sul, o endividamento bruto equivaleu em 2011/12 a 93% do faturamento líquido das empresas, aumento de 4 pontos percentuais em relação a 2010/11. Essa relação para a safra 2012/13 só será conhecida ao longo do ano de 2013, com a publicação dos resultados financeiros da atual safra. Mas o diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, adiantou que a tendência é de piora do indicador.

Empresas sucroalcooleiras no C

Relação média entre endividamento bruto e faturame



"Em torno de 20% desse setor não consegue gerar caixa para manter a operação. Potencialmente, são as mesmas que devem parar de funcionar nos próximos anos se não houver uma mudança na rentabilidade do etanol", disse Padua. Ele acrescenta que há confirmação de que seis empresas vão deixar de processar cana na safra 2013/14.

A maior parte dos R\$ 6,6 bilhões usados para renovar e expandir 1,3 milhão de hectares teve como fontes recursos próprios das usinas e linhas de empréstimo tradicionais. Nos cálculos da Unica, apenas 35% (ou R\$ 1,4 bilhão) dos R\$ 4 bilhões disponibilizados no crédito especial do BNDES para renovação de canaviais (ProRenova) foram contratados até agora pelo setor. Ele disse, porém, que as usinas que já realizaram o investimento ainda podem, mediante comprovação de que fizeram a renovação, acessar a linha do BNDES.

Mas o esforço ainda não se refletiu em aumento do retorno. Apesar de a moagem de cana-de-açúcar em todo o Brasil estar prevista para crescer 30 milhões de toneladas na atual safra, o faturamento das usinas deve permanecer praticamente estável. A estimativa da Unica é de receita em 2012/13 de R\$ 73,12 bilhões, 0,3% acima dos R\$ 72,9 bilhões registrados no ciclo anterior, o 2011/12.

Isso porque os preços do açúcar e do etanol estão mais baixos. Em São Paulo, maior Estado canavieiro do país, a receita média com a venda de açúcar de maio a novembro alcançou R\$ 118,70 por tonelada de cana, queda de 3,95% em relação aos R\$ 123,59 verificados em 2011/12. Já a receita com etanol no período totalizou R\$ 92,18 por tonelada, 10,34% menor em igual comparação.

Em sua primeira entrevista desde que assumiu a presidência da Unica, há menos de um mês, Elizabeth Farina, reiterou a importância de garantir uma boa interlocução com o governo. "O comportamento dos investimentos responde por grande parte do insucesso do nosso Produto Interno Bruto em 2012. Mas os empresários precisam de mais estabilidade, de um marco regulatório para investir", afirmou Elizabeth.

Além de revisar para 34,05 milhões de toneladas a produção de açúcar na safra 2012/13, a Unica também estimou que a moagem de cana em 2013/14 deve alcançar 580 milhões de toneladas.

POLÍTICA NACIONAL

Etanol

Etanol deverá dobrar movimento na hidrovia Tietê-Paraná até 2016 - O Estado de S.Paulo. 06/12/2012

Estaleiro Rio Tietê iniciou produção de cem embarcações para transporte de etanol, fruto de contrato de R\$ 432 mi com a Transpetro

Um contrato de R\$ 432 milhões da Transpetro é um passo concreto para um objetivo do governo: tirar o transporte hidroviário da inércia. A empresa da Petrobrás encomendou cem embarcações para reduzir o uso de caminhões no transporte de etanol. Quando os 20 comboios - compostos por um empurrador e quatro balsas cada - estiverem prontos, em 2016, o aproveitamento da Hidrovia Tietê-Paraná deverá dobrar, passando de 15% para 30%.

O Estaleiro Rio Tietê, contratado para a empreitada, montou a estrutura de produção para a Transpetro em Araçatuba, no Oeste de São Paulo. As primeiras chapas de aço começaram a ser cortadas em outubro e hoje a empresa já contabiliza 210 funcionários em sua unidade produtiva, instalada às margens do Tietê. À medida que os trabalhos avançarem, o número de empregados chegará a 400. A primeira embarcação será lançada ao rio em junho de 2013.

Embora a Transpetro sustente as condições atuais permitam que os 20 comboios entrem em operação sem nenhuma obra, o novo estaleiro espera que investimentos prometidos para a Hidrovia Tietê-Paraná saiam do papel. Uma parceria entre os governos federal e paulista promete R\$ 1,5 bilhão para a melhoria de barragens, construção de eclusas e trabalho de calado (profundidade) em 800 quilômetros total de 2,4 mil km da hidrovia.

As obras podem ser um incentivo para que outros segmentos se animem a usar o trecho Tietê-Paraná para transportar mercadorias. Segundo o gerente de relacionamento do estaleiro, Alexandre Bruno, a empresa já recebeu contatos de outros clientes interessados em encomendar comboios parecidos com o da Transpetro. Sociedade entre o empresário Wilson Quintela Filho e o estaleiro paraense Rio Maguari, o projeto conta com isso para não desaparecer do mercado após a conclusão do contrato.

Potencial. As oportunidades de expansão das hidrovias no País são grandes, segundo especialistas em logística. Hoje, só 13% da produção brasileira são transportados por rios, índice equivalente à metade do americano (veja quadro ao lado). O País ainda é bastante dependente das rodovias, consideradas justamente a opção mais cara. A meta do governo é pelo menos dobrar a participação das hidrovias na matriz logística até 2025.

Essas ambições esbarram, no entanto, em erros estratégicos do passado. Segundo a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), boa parte das hidrelétricas brasileiras foi construída sem eclusas. Para fomentar o transporte hidroviário, aponta estudo da Antaq, a construção de 27 eclusas é considerada prioritária pela agência

reguladora. Essas obras exigiram um desembolso de R\$ 11,6 bilhões dos cofres públicos.

A ausência de eclusas é mais um símbolo da falta de planejamento estratégico da infraestrutura brasileira, na opinião de Paulo Resende, coordenador do núcleo de logística da Fundação Dom Cabral. "O Ministério de Minas e Energia e o de Transportes não se comunicam. Se incorporadas ao projeto das hidrelétricas, as eclusas custariam entre 30% e 40% do valor agora projetado", diz o especialista. Para Resende, com todas as necessidades do Brasil, é difícil justificar um gasto de R\$ 11 bilhões em projetos hidroviários.

A necessidade de investimentos nas hidrovias brasileiras motivou a Transpetro a não contar com outros projetos, como a melhoria da navegabilidade do Tietê ou a conclusão do etanoduto da Logum, empreendimento do qual a Petrobrás é sócia, para tornar viável o uso dos comboios.

As cem embarcações que sairão do estaleiro de Araçatuba poderão ser usadas mesmo que nenhuma outra obra estrutural se torne realidade, afirma o presidente da Transpetro, Sérgio Machado. "Será possível navegar com o rio do jeito que está", diz. O executivo lembra que o projeto de R\$ 1,5 bilhão para melhoria do trecho paulista da hidrovia foi anunciado após a decisão da Transpetro sobre os comboios.

Conab e Mapa divulgam 3º levantamento de cana 2012/13 – Site da CONAB. 11/12/2012

A Conab divulga nesta quarta-feira (12), em parceria com o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir das 10h, o anúncio do terceiro levantamento de cana 2012/2013. O evento será no auditório do Ministério da Agricultura (Mapa), em Brasília, e será realizado pelo diretor de Política Agrícola e Informações da Conab, Sílvio Porto.

Produção de cana pode chegar a 600 milhões de t – Site da CONAB. 12/12/2012

O terceiro levantamento da safra de cana-de-açúcar realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a temporada 2012/13 indica um aumento de 6,2% na produção, passando de 560,36 milhões de toneladas na safra passada para 595,13 milhões t na nova safra. O anúncio foi feito hoje (12) no Ministério da Agricultura, em Brasília. Também houve elevação da área de corte de 8.356,1 mil hectares para 8.520,5 mil ha. O percentual de recuperação da produtividade média das lavouras ficou estimado em 4,2%.

Os números ainda não estão totalmente fechados, o que só deve ocorrer em abril do próximo ano com a participação da produção nordestina que está em andamento. São também menos expressivos do que os do último levantamento de abril passado, mas continuam superiores aos apresentados na safra 2011/12. O motivo é a normalização das condições climáticas que favoreceram sobretudo os canaviais da região Centro-Sul.

Em relação à produção de açúcar, espera-se um aumento de 4,72% e deve passar de 35,97 milhões de toneladas para 37,66 milhões. Por outro lado, a produção total de etanol diminuirá 5,22%, passando de 24,93 bilhões de litros para 23,62 bilhões. A produção do etanol anidro, que se destina à mistura com a gasolina, deve reduzir 0,88%, mudando de 9,75 bilhões de litros para 9,66 bilhões. Já o etanol hidratado, utilizado nos veículos "flex-fuel", caiu 8% e alterou de 15,18 bilhões de litros para 13,96 bilhões.

Produção de cana tem crescimento de 8,2% na região Centro-Sul – Site do MAPA. 12/12/2012

A regularidade das chuvas ao longo do ano contribuiu para a estimativa da safra

Confirmada a expectativa de produção da região Centro-Sul de cana-de-açúcar safra 2012/2013 de 535,4 milhões de toneladas, incremento de 8,2% em relação à safra anterior. De acordo com o diretor de Política Agrícola e Informações da Companhia Nacional de Abastecimento, Sílvio Porto, “na estimativa anterior já havíamos percebido que havia uma perspectiva de rendimento superior ao ano passado e aqui há uma confirmação”. O anúncio foi realizado nesta quarta-feira (12) durante o 3º levantamento da safra de cana-de-açúcar, em Brasília.

Os canaviais na região Centro-Sul tiveram uma recuperação e produtividade superiores ao do ano passado. Apesar da estiagem no início da safra, houve regularidade das chuvas ao longo do ano.

Já o Nordeste sofreu com a estiagem que chegou a Zona da Mata e afetou a produção da cana. Técnicos do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) visitarão, na semana que vem, áreas atingidas pela seca a fim de tomarem medidas de apoio.

“O cenário da próxima safra para o Centro-Sul é ainda melhor do que a deste ano e estamos também com uma situação mais favorável para o Nordeste, com regularidade das chuvas”, salienta Porto.

O diretor de Cana-de-açúcar e Agroenergia do Mapa, Cid Caldas, que também esteve presente no anúncio da safra de cana, disse que a região do Nordeste teve uma produção maior de açúcar por causa da rentabilidade do produto e isso não afetará o abastecimento de etanol. “O incremento na produção de açúcar se deve fundamentalmente ao preço e isso já vem ocorrendo há três anos. A diminuição da safra do Nordeste não afetará o abastecimento do etanol, pois o mesmo está garantido para os consumidores”, afirma. A produção nordestina representa 10% da produção de cana da safra brasileira.

No próximo calendário do ano-safra da cana haverá alteração na metodologia conforme levantamento realizado pela Conab. Será aperfeiçoada a coleta de dados para o levantamento da colheita. O corte da safra do Nordeste se prolonga até março e isso será incorporando ao ano-safra. “Nós vamos fechar esta safra no levantamento de março, porque teremos ainda o final do corte para o Nordeste e o Centro-Sul, pois neste as usinas ainda estão cortando em função das condições favoráveis de clima”, complementa o diretor da Conab.

Recuperação da produtividade da cana-de-açúcar é meta para 2013 – Site do MAPA. 21/12/2012

Medida pretende renovar canaviais com mais de seis cortes

Promover a expansão da oferta de matérias-primas para a produção do etanol a fim de atender a capacidade industrial alcooleira instalada. Esta é uma das medidas prevista para as ações a serem implementadas em 2013 no setor sucroalcooleiro. Para atingir esta meta, o governo federal pretende recuperar a produtividade de parte do canavial com média abaixo da ideal, o que corresponde às canas de 6º corte ou mais, com um adicional de 15% da cana de 5º corte. Outra medida é atender a ociosidade média estimada das usinas de aproximadamente 16%.

Para a Secretaria de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPA/Mapa), também fazem parte do elenco das prioridades para o próximo ano, a organização e a capacitação da cadeia produtiva canavieira, investimento em pesquisas de matérias-primas para a produção de etanol, com resultados previstos para 2020. E ainda desenvolvimento de sistemas de cultivo de sorgo sacarino para a produção complementar de etanol, tendo como meta 100 mil hectares plantados no ano que vem.

O setor canavieiro do Brasil tem o desafio de atender a crescente demanda doméstica por etanol. De acordo com estudos da Empresa de Pesquisas Energéticas (EPE), para responder a essa demanda, o Brasil precisará atingir uma produção, em 2020, de 1,2 bilhões de toneladas de cana-de-açúcar e 72,5 bilhões de litros de etanol. Para fins de referência, na safra 2012/13, a produção esperada de cana-de-açúcar deverá alcançar 595,13 milhões de toneladas, que produzirão 23,6 bilhões de litros de etanol e 37,66 milhões de toneladas de açúcar.

Espera-se que a representatividade do consumo do etanol no total da frota de veículos leves retome o patamar observado antes das recentes crises de safra canavieira. Para atingir os compromissos assumidos pelo País com relação à Convenção sobre Mudança do Clima, será essencial abastecer boa parte da frota de veículos do Ciclo Otto, com etanol, consolidando este biocombustível como principal fonte usada em substituição a parcela de gasolina.

Já para o setor do biodiesel, o desafio é a produção de matérias-primas em quantidade suficiente para responder às demandas estipuladas no Plano Decenal de Expansão de Energia para 2013, sem que haja competição com a produção de alimentos.

São estratégicos os investimentos em pesquisas de matérias-primas para a produção de biodiesel. De acordo com a SPAE, é necessário pesquisas em oleaginosas que possam substituir a soja como principal produto na produção do biodiesel, entre elas, culturas como a canola, pinhão manso e mamona.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Usinas dos EUA questionam etanol de cana. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/12/2012

A Associação de Combustíveis Renováveis (RFA, na sigla em inglês) dos Estados Unidos, entidade que representa as usinas de etanol do país, pediu à Agência de Proteção Ambiental americana (EPA) que revise os cálculos de redução de emissão de gás carbônico do etanol de milho e do biocombustível produzido a partir da cana no Brasil.

Grande parte do volume de etanol brasileiro exportado aos Estados Unidos - nesta safra 2012/13 deverão ser 2,8 bilhões de litros - entra na cota do etanol avançado, categoria que recebe prêmios sobre o preço de mercado por emitir, no mínimo, 50% menos CO2 do que a gasolina, segundo classificação feita pelo EPA. Para o órgão americano, a redução de emissões oriunda do processo de produção do etanol de milho fica no patamar de 30%.

Essa é a questão central do documento enviado ao EPA pela associação. A RFA argumenta que a análise de emissões em vigor está "obsoleta", uma vez que foi feita há três anos para atender ao Renewable Fuel Standard (RFS2) - mandato federal que determina volumes de produção e utilização de biocombustíveis no país. "Há, literalmente, dezenas de novos estudos e melhorias de modelagem desde que o EPA finalizou o RFS2, há três anos", afirmou o presidente da RFA, Bob Dinneen.

Segundo a entidade, esses novos relatórios mostram que a fabricação de etanol de milho é bem menos intensivo na emissão de carbono do que o calculado pelo EPA. Por outro lado, defende ele, pesquisas recentes estariam mostrando que a redução de emissão associada ao etanol de cana do Brasil é menor do que a originalmente calculada pelo EPA.

A associação defende que, desde 2006, a área colhida de cana-de-açúcar no Brasil cresceu 55%, mas que poucas emissões relativas à essa mudança no uso da terra (LUC) no Brasil foram consideradas nos dados. A associação diz, ainda, que não foram devidamente avaliadas as emissões vindas de subprodutos do processamento de cana, como torta de filtro e vinhaça, assim como o uso de fertilizantes suplementares, além da dimensão real da área onde há queima de cana.

Esta, de acordo com a RFA, seria quatro vezes maior do que a computada pelo órgão ambiental americano. Em nota, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) afirmou que a RFA faz uso de estudos defasados para defender seu ponto de vista.

Aumenta a sede americana por etanol. Alejandra Wexler | The Wall Street Journal, Valor Econômico. 19/12/2012

Uma retomada das importações de etanol pelos Estados Unidos está agitando o mercado mundial de açúcar, que movimenta US\$ 1,6 trilhão ao ano.

Investidores em commodities estão apostando, cada vez mais, que o aumento da demanda americana pelo etanol à base de cana-de-açúcar vai reduzir o fornecimento do produto e frear a queda dos preços, que recentemente atingiram o nível mais baixo em 28 meses.

As importações americanas de etanol brasileiro subiram quase nove vezes este ano até outubro, comparado com o mesmo período de 2011, segundo o Departamento de Agricultura dos EUA. A demanda americana pelo etanol produzido no exterior saltou depois que uma tarifa de importação que vigorava há três décadas expirou em janeiro. As importações de etanol dos EUA devem aumentar no ano que vem, com a maior parte vinda do Brasil.

O mercado de açúcar está começando a sentir os efeitos. Os dois tipos de etanol - o de cana e o de milho, o qual é produzido principalmente nos EUA - têm uma composição química semelhante, e são misturados a outros combustíveis para criar uma gasolina de queima mais limpa, utilizada nos carros.

Investidores em commodities, analistas e produtores de etanol dizem que a abertura do mercado americano de etanol e a procura crescente pelo etanol de cana nos EUA e no Brasil podem deter a recente queda nos preços do açúcar. Os preços dos futuros caíram 17% este ano porque muitos operadores preveem que o Brasil colherá uma grande safra de cana no ano que vem.

Já houve períodos em que o etanol brasileiro inundou o mercado americano, mas depois teve queda brusca.

Segundo analistas e investidores, o recente aumento nas importações de etanol deve se manter. A produção de etanol nos EUA está em declínio, e leis federais exigem que os fabricantes de gasolina aumentem a utilização de uma categoria de combustíveis renováveis que inclui o etanol de cana, mas exclui o de milho.

Quanto mais cana-de-açúcar for canalizada para a produção de etanol, menos será moída para fabricar o açúcar mascavo granulado, reduzindo a oferta e podendo elevar os preços.

"A demanda [pelo etanol] está sugando mais e mais os estoques de açúcar", diz Kevin Kerr, presidente da consultoria de commodities Kerr Trading International, que tem US\$ 250 milhões sob gestão. Ele investiu em posições otimistas sobre os futuros de açúcar que se prolongam até 2013.

Na segunda-feira, os futuros de açúcar subiram 2,1%, o maior nível em mais de uma semana, devido às preocupações com más condições de cultivo no Brasil. Uma seca recente no país, que é o maior produtor mundial de cana, despertou temores de que a safra de 2013 pode decepcionar.

Outros dizem que o Brasil terá muito açúcar para colocar no mercado. O país vai colher uma safra recorde de 580 milhões de toneladas no ano que vem, previu a Organização Internacional do Açúcar. Cerca de metade irá para a produção de etanol.

Embora a OIA preveja um excedente mundial de 6,2 milhões de toneladas no ano que vem, "os preços do açúcar provavelmente ficarão inibidos por um tempo", disse Sterling Smith, especialista de futuros do Citigroup em Chicago, no Estado americano de Illinois. Ele calcula que, se o Brasil colher uma safra recorde no ano que vem, haverá cana mais que suficiente para atender à maior demanda de etanol.

Quer o Brasil consiga ou não uma safra de cana que satisfaça a demanda, a maior presença dos EUA no mercado de etanol complica as perspectivas para o açúcar, dizem analistas.

As vendas do Brasil para os EUA, que totalizaram cerca 1,27 bilhão de litros nos primeiros 10 meses de 2012, estão tomando o lugar do etanol de milho produzido nos EUA. A produção americana de etanol vai cair 10% no ano que vem para cerca de 12,6 bilhões de galões, segundo estimativas do Departamento de Agricultura e do Departamento de Energia dos EUA.

Outro fator que os operadores observam é o consumo de etanol do próprio Brasil. O governo alertou que pretende elevar a proporção de etanol misturado à gasolina de 20% para 25% no ano que vem, o que aumentará a demanda interna de etanol e pode reduzir ainda mais a oferta de açúcar e elevar seus preços.
